

## GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO E REDES SOCIAIS: A ASCENSÃO DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL)<sup>1</sup>

Salem Edrey da Silva Modesto<sup>2</sup>  
Mônica Xavier de Medeiros<sup>3</sup>

### RESUMO:

O presente artigo analisa alguns aspectos da atual conjuntura política brasileira sob a ótica do discurso hegemônico do mercado e da globalização, a importância das redes sociais no processo de construção deste cenário político e o papel do Movimento Brasil Livre (MBL) como um movimento influente que incorpora esses discursos hegemônicos em defesa do neoliberalismo e do conservadorismo. Esta análise consistirá na leitura, interpretação e reflexão a partir das fontes selecionadas para este estudo, em um diálogo feito com base no referencial bibliográfico disponível, dentro do campo de estudos da História do Tempo Presente.

**Palavras-Chave:** Globalização; Redes Sociais; Neoliberalismo; MBL.

### INTRODUÇÃO

O atual cenário político nacional tem levantado muitas questões e desafiado historiadores do Tempo Presente, sociólogos, cientistas políticos, filósofos dentre outros campos, diante da diversidade de acontecimentos, complexidades e contradições que o compõe. Tais questões não podem – e nem devem – ser ignoradas. Muito pelo contrário, faz-se necessário uma atenção especial que tente uma análise reflexiva e crítica deste, tendo em vista sua importância no entendimento da política e da sociedade contemporânea brasileira.

Desde as *jornadas de junho* de 2013, o país tem assistido uma série de acontecimentos que tem provocado mudanças e transformações na sociedade brasileira, seja no âmbito político e social, seja no modo de pensar ou agir. O Brasil pós-2013 não é mais o mesmo. Os recentes ataques aos direitos trabalhistas, à democracia, às liberdades individuais, a disseminação dos discursos de ódio pelas redes sociais, a corrupção sistêmica, o aumento da desigualdade, da pobreza e da miséria, nada disso parece mais surpreender o povo brasileiro.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA).

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA). E-mail: salemodesto@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do curso de licenciatura plena em História da Universidade do Estado do Amazonas no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA). E-mail: monica.xavier.pin@gmail.com

A motivação para esta pesquisa reside na necessidade – quase que urgente – de uma interpretação para os atuais fenômenos políticos vivenciados no Brasil, na carência de trabalhos que visem analisar aspectos desta atual conjuntura política – carência esta que pude constatar na busca por artigos, livros ou pesquisas relacionadas a esta temática na internet – e na minha relação com a política que, desde 2013-14, tem sido estreita e tem se intensificado, na medida em que tenho me envolvido com movimentos sociais e discussões políticas, seja na universidade, em casa, junto aos amigos ou através das redes sociais.

Este artigo analisa alguns aspectos da atual conjuntura política brasileira sob a ótica do discurso hegemônico do mercado e da globalização, a importância das redes sociais no processo de construção deste cenário político e o papel do Movimento Brasil Livre (MBL) como um movimento influente que incorpora esses discursos hegemônicos em defesa do neoliberalismo e do conservadorismo.

A utilização de fontes e documentos digitais é privilegiada nesta pesquisa, tendo em vista que o foco da mesma concentra-se na internet, redes sociais e sites diversos. Faz-se necessário, ainda neste momento, uma discussão acerca do uso das fontes e dos documentos digitais, pois, até pouco tempo, os historiadores consideravam – principalmente no século XIX – o “papel” como única fonte histórica válida, fazendo deste suporte digital uma novidade para o campo da historiografia. Neste período prevalecia a metodologia positivista, que privilegiava os documentos oficiais e textos registrados em papel como, por exemplo, códigos de leis, tratados internacionais, cartas oficiais, atos governamentais.

No entanto, a utilização deste suporte específico como hegemônico começou a derrocar com o advento da Escola dos Annales<sup>4</sup>, que trouxe novas concepções sobre as fontes e a produção do conhecimento histórico.

A utilização de uma variedade de fontes pelo historiador e uma noção mais ampla de fonte histórica foram defendidas pelo historiador francês Lucien Febvre (1949), um dos fundadores da Revista dos *Annales*:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do

---

<sup>4</sup> BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.

homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entre ajuda que supre a ausência do documento escrito? (Febvre apud Le Goff, 1990, p.540)

Outra escola histórica que privilegia o uso diversificado de fontes é a chamada “História Social Inglesa”. Edward Palmer Thompson (um dos seus principais teóricos) era um marxista que buscou rupturas com o modelo marxista dos seus antecessores. Thompson ficou conhecido pela sua obra “A formação da classe operária inglesa”, que se tornou famosa pela renovação historiográfica (SILVA, 2008). Neste trabalho revolucionário, E. P. Thompson realizou uma “História Social”, e se baseou em uma pesquisa empírica em fontes diversas, tais como jornais, panfletos, livros de atas, etc. (Ibid., p.8).

Apesar desta “revolução” no que tange a incorporação de novas categorias documentais, especialmente no século XX, a utilização de documentos digitais como fonte primária ainda é vista com certa “desconfiança” pela comunidade acadêmica. Ainda há poucas pesquisas, teses de doutorado ou dissertações de mestrado que utilizam este tipo de suporte documental. Esta resistência pode estar relacionada presumivelmente com a herança metodológica positivista.

Almeida (2011) ratifica que a Internet<sup>5</sup> atualmente configura-se como um novo suporte de fontes documentais para pesquisas históricas, especialmente para os historiadores do Tempo Presente, tendo em vista a quantidade inesgotável de novas fontes que ela possibilita. Podemos entender este significativo avanço da informática nas últimas décadas como sendo resultado, principalmente, da chamada “globalização”, a internacionalização do capitalismo, que atende as demandas do mercado, conforme ressalta Milton Santos (2002). Com essa nova realidade, o historiador não pode mais negligenciar o grande contingente de fontes digitais e a internet.

---

<sup>5</sup> A internet é uma rede mundial que interliga milhões de computadores em todo o mundo, de vários tipos e tamanhos, marcas e modelos e com diferentes sistemas operacionais. A Internet é formada por computadores comuns e por outros, especiais, os servidores, máquinas de alta capacidade, com grande poder de processamento e conexões velozes, controladas por universidades, empresas e órgãos do governo. Como a Internet é uma grande teia, integrada por máquinas de todos os tipos e tamanhos, é importante notar que estando conectado à Internet um computador tem seu poder multiplicado milhares de vezes. Enquanto o computador isolado se limita a acessar as informações gravadas no seu disco rígido, a máquina conectada à rede tem o mundo ao seu alcance. A Internet tem alcance e abrangência ímpar, que nenhuma outra mídia, eletrônica (TV, rádio) ou impressa (jornais, revistas e correios) contempla: uma informação pode ser acessada de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora e por qualquer pessoa que tenha acesso a um computador devidamente equipado. Atualmente pode-se encontrar computadores ligados à Internet em praticamente todos os lugares (empresas, lares, escolas, universidades, clubes, igrejas etc). Disponível em: < <http://www.ufpa.br/dicas/net1/int-apl.htm>>. Acesso em novembro de 2017.

Propõe-se aqui, neste artigo, uma análise da atual conjuntura política no presente imediato<sup>6</sup>, que consistirá na leitura, interpretação e reflexão a partir das fontes selecionadas para este estudo, em um diálogo feito com base no referencial bibliográfico disponível, dentro do campo de estudos da História do Tempo Presente.

A História do Tempo Presente constitui hoje um campo bastante amplo de estudos, ainda que em processo de amadurecimento diante de uma resistência no campo historiográfico por parte de segmentos mais conservadores. Pode-se dizer que este campo de estudos, que teria desabrochado em meados da década de 1950, é imprescindível hoje para a investigação e reflexão acerca dos fenômenos do tempo presente. Para tanto, é preciso atenção e a observação às questões teórico-metodológicas que viabilizarão esta análise e pesquisa.

Le Goff (1999) orienta que o historiador do Tempo Presente, em seu método, procure dirigir aos acontecimentos do presente questionamentos como “de onde vem isso? Até onde é preciso remontar para compreender bem o acontecimento, a situação, o problema de hoje? Mas no que e por que é diferente?”, este também sugere indagações menos rebuscadas como “Quem? Quando? Onde? Com que fim? O que é que falseia a verdade? Como?”. Esses questionamentos e indagações são igualmente importantes para se incorporar uma postura crítica diante do seu objeto e fontes.

As fontes analisadas neste artigo serão conteúdos de alguns sites de jornalismo independente (online), sites de jornais diversos – pertencentes a mídia hegemônica, que se encontram hospedados na internet – cujos conteúdos específicos são referentes à pesquisa, as redes sociais, neste caso, apenas o Facebook – em especial a página do Movimento Brasil Livre (MBL), entre os anos de 2015 até a atualidade, tendo em vista que o mesmo apagou conteúdos referentes aos anos de 2014 e parte de 2015.

Podemos entender a hegemonia como a “conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras” (MORAES, 2010), ou seja, é algo que “opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer” (GRUPPI, 1978 apud ARALDI, 2017). Neste sentido, a mídia hegemônica pode ser considerada como parte dos grandes conglomerados de comunicação, cujo sustento financeiro é, em grande parte, feito por grupos elitistas, onde a informação é tratada como mera mercadoria que atende os interesses políticos-ideológicos de seus patrocinadores e aliados. Em

---

<sup>6</sup> CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.39-50.

contraposição, a mídia alternativa – independente – seria “contra-hegemônica”, isto é, “anti-globalização”, de caráter mais “democrático” do que a primeira. Ambas apresentam discursos dissonantes, que por sua vez, as tornam fontes passíveis de análises críticas e reflexão.

Porém, o trabalho com fontes digitais torna-se ainda mais desafiador pelo caráter efêmero desta categoria. Muitas vezes, sem qualquer aviso, vários sites são removidos da internet, redes sociais são encerradas (como foi o caso do Orkut), conteúdos são retirados de circulação. Nesta pesquisa, pude encontrar estas dificuldades. Na rede social analisada, o Facebook, onde se encontra a página do Movimento Brasil Livre (MBL) com mais de 2 milhões de seguidores, vários de seus conteúdos foram simplesmente excluídos sem aviso prévio. A maioria dos conteúdos são relativos aos anos de 2014 e boa parte de 2015, quando houve grandes manifestações pelo impeachment da então presidente da República, Dilma Rousseff (PT). No entanto, vários conteúdos não puderam ser apagados completamente. Várias fotos, por exemplo, de membros do MBL ao lado de políticos denunciados, presos ou acusados de corrupção ainda estão em plena circulação.

A primeira parte do artigo interpelará as transformações na sociedade brasileira provocadas pelo advento das redes sociais como uma nova ferramenta de ação da política a partir das *jornadas de junho* de 2013, a penetração do discurso neoliberal através do fenômeno da globalização, a incorporação destes discursos pela mídia hegemônica e a influência das redes sociais no processo de formação da atual conjuntura política, sobretudo com o fortalecimento e a ascensão de grupos de influência neoliberais nas redes sociais.

Na segunda parte será explanado a (re)ascensão do discurso neoliberal que interpenetra a política brasileira através da influência de *think tanks*<sup>7</sup> como o Movimento Brasil Livre (MBL), que se apresenta como um movimento em defesa do livre mercado (neoliberalismo), do “combate à corrupção”, da “moralidade” e do conservadorismo. Estes aspectos serão analisados dentro da discussão e do diálogo com as demais fontes e bibliografias que compõe a pesquisa.

Em todo o artigo observa-se o diálogo com as questões chave, o fenômeno da globalização, as redes sociais, e o discurso neoliberal incorporado nas redes de influência, no caso analisado, o Movimento Brasil Livre (MBL).

---

<sup>7</sup> Organizações ou instituições que trabalham como grupos de interesse, com o objetivo de influenciar transformações sociais, políticas, econômicas ou científicas. Podem ser ligadas a partidos políticos ou empresas privadas (ARALDI, 2017, p.2).

## **CAPÍTULO I – GLOBALIZAÇÃO E REDES SOCIAIS: SURGE UMA NOVA MODALIDADE DE ATIVISMO POLÍTICO**

O advento da Internet provocou grandes mudanças e transformações na sociedade mundial. Uma dessas mudanças está relacionada principalmente aos novos meios e formas de comunicação. Dentre elas, a mais significativa é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC) (RECUERO, 2009). As chamadas redes sociais proporcionaram que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros (Ibid., p.24).

Santos (2002), afirma que a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Esta internacionalização do capitalismo trouxe a concepção de um mundo unificado, graças às novas condições técnicas<sup>8</sup>, mas muito além disso, ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes (Ibid., p.12).

Estas técnicas da informação estão a serviço, principalmente, deste “mercado global”, vindo carregadas de um discurso, que por sua vez, é produto da manipulação e da ideologia das classes dominantes:

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. O fato de que, no mundo de hoje, o discurso antecede quase obrigatoriamente uma parte substancial das ações humanas – sejam elas a técnica, a produção, o consumo, o poder – explica o porquê da presença generalizada do ideológico em todos esses pontos. (SANTOS, 2002).

Essas técnicas hegemônicas trazem o discurso alinhado ao mercado, ao consumo, como regulador da vida dos indivíduos, reforçando a ideia da necessidade do modelo neoliberal. Tal ideia acaba por naturalizar a pobreza e fomentar o medo do desemprego, da fome, da violência, que gera a sensação de insegurança, diante de um mundo perverso e excludente.

---

<sup>8</sup> Milton Santos refere-se, principalmente, as técnicas da informação que, segundo ele, preside todo o sistema de técnicas, e as técnicas da informação seriam o elo que une as demais, assegurando a este sistema uma presença planetária. (SANTOS, 2002, p.12)

Neste contexto, haveria alguma relação entre este processo de internacionalização com a política e as redes sociais? Afinal, o que é uma rede social? E que tipo de influência teria as redes sociais dentro deste processo de globalização que se institui neste contexto atual?

Raquel Recuero define uma rede social como:

um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009).

Os atores são as pessoas envolvidas na rede, são partes do sistema, e atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. As conexões, em termos gerais, são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores (Ibid., p.30).

Conforme Recuero (2009, p.104), os sites de redes sociais, no entanto, podem ser definidos como sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. São sistemas onde há perfis e há espaços específicos para a publicização das conexões com os indivíduos (Idem, 2009) como é o caso do Facebook<sup>9</sup>. A autora ainda esclarece que não são as plataformas nem o suporte que constituirão as redes sociais. Eles são apenas sistemas, e quem constitui verdadeiramente essas redes são os atores sociais que fazem parte dela.

Com isso, podemos dizer que as redes sociais revolucionaram o nosso modo de se comunicar, tornando as nossas interações “aceleradas” e “instantâneas”? Podemos dizer que sim, mas há questões a se considerar.

O fato é que este fenômeno cria uma falsa ideia de espaço-tempo contraído, e da instantaneidade das informações, que se insere no mito da aldeia global<sup>10</sup>, tendo em vista que a informação sobre o que acontece não vem da interação entre pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos (SANTOS, 2002).

A informação é centralizada nas mãos de um número extremamente limitado de firmas. Hoje, o essencial do que no mundo se lê, tanto em jornais como em livros, é produzido a partir de meia dúzia de empresas que, na realidade, não transmite novidades, mas as reescrevem de maneira específica. Apesar de as condições técnicas da informação

<sup>9</sup> O Facebook (originalmente, thefacebook) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo (RECUERO, 2009, p. 171)

<sup>10</sup> Milton Santos considera a ideia de “aldeia global” uma fabulação (SANTOS, 2002, p.20)

permitirem que toda a humanidade conheça tudo que o mundo é, acabamos na realidade por não sabê-lo, por causa dessa intermediação deformante. (SANTOS, 2002).

Mas qual seriam os interesses e a relação deste mercado global nas redes sociais? É evidente que nos dias de hoje estar presente nas redes sociais digitais como Facebook, Instagram<sup>11</sup> e Twitter<sup>12</sup> permite que as empresas estabeleçam uma relação de confiança que acaba por criar influência entre seus usuários (SILVA; TESSAROLO, 2016), o mesmo pode ser dito em relação aos partidos políticos, movimentos sociais, órgãos públicos, que utilizam as redes sociais como forma de interagir, compartilhar ideias e até influenciar os seus seguidores. As redes sociais têm sido bastante usadas atualmente para a difusão de propaganda de empresas tanto nacionais como internacionais, e têm se constituído como um espaço de divulgação de produtos, de ideias, pensamentos políticos etc.

O que podemos observar com tudo isso é que, na contemporaneidade, as novas mídias possuem uma grande influência na opinião pública, sobretudo em assuntos que se originam na internet (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015). E toda essa influência que a mídia está exercendo é uma das questões que tem gerado preocupação de pesquisadores das ciências humanas.

Grupos como o MBL (Movimento Brasil Livre)<sup>13</sup>, são exemplos de como a força das redes sociais interferem e influenciam o nosso cotidiano, moldando, muitas vezes, nossas opiniões e mobilizando pessoas em prol de um discurso, uma causa ou ideia, seja ela radical ou não. Este, assim como muitos outros, reconhecem o poder das redes sociais – que se constituem como novas forças de ação da política – neste sentido. As redes sociais são novas ferramentas onde grupos que dominam sua linguagem, as utiliza para atingir seus objetivos através da influência.

O aumento de usuários de Internet no Brasil contribuiu para uma maior interação da população nas redes sociais. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que o número de internautas brasileiros ultrapassou os 100 milhões<sup>14</sup> em 2015, um acréscimo de 6,7 milhões em relação a 2014. Com isso, a porcentagem de brasileiros que navega na internet subiu para 57,5% em 2015. Segundo a pesquisa *Digital in 2016*<sup>15</sup>, da We Are Social<sup>16</sup>, que foi realizada no

---

<sup>11</sup> Disponível: <<https://www.instagram.com/accounts/login/>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://twitter.com>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>13</sup> Um movimento de direita que emergiu das manifestações de 2013 e se consolidou com os protestos pelo impeachment da ex- presidente Dilma Rousseff (PT). Disponível em: <<http://mbl.org.br/manifesto/>>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>14</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/11/brasil-supera-marca-de-100-milhoes-de-internautas-diz-ibge.html>>. Acesso em setembro de 2017.

<sup>15</sup> Pesquisa sobre comportamento digital no mundo. Disponível em <<https://www.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2016>>. Acesso em setembro de 2017.

<sup>16</sup> A agência combina o entendimento sobre social media com digital, RP e marketing. Disponível em <<https://wearesocial.com/br/quem-somos>>. Acesso em setembro de 2017.



último trimestre de 2015, o Brasil tem hoje uma média de 45% da população ativa em redes sociais dos mais diversos tipos. Segundo dados de pesquisas<sup>17</sup> mais recentes, a maioria dos acessos no Brasil são através dos smartphones<sup>18</sup>.

No Brasil, a rede social mais popular é o Facebook, onde se concentram cerca 103 milhões de contas ativas. Uma pesquisa da *Social Media Trends 2017*<sup>19</sup>, mostra que 92,1% das empresas estão presentes em alguma Rede Social, para divulgar os seus produtos ou marca.

O Facebook tem sido palco também de discussões e mobilizações de cunho político<sup>20</sup> e social no Brasil nos últimos anos. O surgimento de páginas de partidos políticos, movimentos sociais e grupos militantes de esquerda, direita e de extrema-direita tem sido crescente desde as eleições presidenciais norte-americanas de 2008, que deu a vitória a Barack Obama (Partido Democrata) sobre John McCain (Partido Republicano). Nestas eleições, pela primeira vez, houve o uso significativo de vídeos, blogs e sites de redes sociais pela internet, que provocaram grandes efeitos sobre as campanhas (RECUERO, 2009). Em novembro deste mesmo ano, em meio a uma das maiores catástrofes naturais do Brasil – uma série de chuvas que provocaram enchentes no estado Santa Catarina no sul do país –, grandes mobilizações através de blogs, mensagens de Twitter entre outros recursos foram utilizados para informar o resto do país a respeito dos acontecimentos (Ibid., p.16).

Outras mobilizações através das redes sociais também chamaram a atenção pelo mundo, como foram os casos da Primavera Árabe<sup>21</sup>, sobretudo as insurreições populares na Tunísia e no Egito; nos Estados Unidos, o movimento Occupy; e, na Espanha, o #15M organizado pelo movimento Democracia Real ¡YA!(SILVA, 2014).

---

<sup>17</sup> O Brasil é país com mais smartphones conectados na América Latina. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1917782-brasil-lidera-numero-de-smartphones-conectados-na-america-latina.shtml>>. Acesso em setembro de 2017.

<sup>18</sup> Smartphone é, em tradução literal, "um telefone inteligente". Os smartphones são híbridos entre celulares e computadores. Afinal, eles englobam algumas das principais tecnologias de comunicação em somente um local: internet, GPS, e-mail, SMS, mensageiro instantâneo e aplicativos para muitos fins. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/12/o-que-e-smartphone-e-para-que-serve.html>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>19</sup> Disponível em <<http://pesquisas.rockcontent.com/redes-sociais/>> Acesso em setembro de 2017.

<sup>20</sup> Facebook é palco de discussões e agressões entre internautas relacionadas a política. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/discussao-politica-no-facebook-abala-relacoes-de-internautas-com-amigos.html>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>21</sup> A Primavera Árabe, como é conhecida, foi uma onda de revoltas, protestos e insurreições que acorreram no Oriente Médio e Norte da África entre 2010 e 2011. O *ciberativismo* através das redes sociais foi importante para a mobilização e para os protestos dos movimentos rebeldes contra os governos.

Em junho de 2013<sup>22</sup>, o Brasil presenciou uma série de manifestações e mobilizações por todo o país, que reuniu uma grande parcela da população brasileira nas ruas em diferentes estados e cidades, sendo considerada hoje com uma das maiores manifestações em massa da história nacional. De caráter apartidário e antipartidário, o movimento ganhou força principalmente a partir do dia 17 de junho de 2013, quando começou a se propagar com mais intensidade por diversas cidades do país. As manifestações tiveram como motivo, inicialmente, o aumento de tarifas de ônibus na cidade de São Paulo – que na época, foi de 0,20 centavos – e também a má qualidade dos transportes públicos (SILVA, 2014), mas logo ganhou outras conotações.

Estas também tiveram a participação massiva da juventude estudantil e não foram comandadas por partidos políticos ou líderes partidários. Entre os seus principais organizadores, no caso de São Paulo e Rio de Janeiro, estiveram integrantes do Movimento Passe Livre e do Fórum de Lutas Contra o Aumento da Passagem.

Um fato que chamou atenção nas *jornadas de junho* de 2013 foi a grande mobilização através das redes sociais, que foram o palco principal das convocações para os protestos. Uma matéria divulgada pela BBC Brasil<sup>23</sup> em 2013, revela que o Twitter foi uma das principais fontes de informação em tempo real sobre o que acontecia durante as manifestações, enquanto o Facebook foi utilizado principalmente para organizar atos de protesto e demonstrar posicionamentos políticos.

Um levantamento divulgado pelo jornal Valor Econômico, da consultoria Serasa Experian, aponta que o Facebook teve uma taxa de participação (perfis de usuários que tiveram atividade) de 70% dos brasileiros com presença no site no dia 13 de junho — o terceiro pico de participação do ano. Já o Twitter contabilizou cerca de 11 milhões de tweets com a palavra "Brasil" e 2 milhões mencionando "protesto" entre os dias 6 e 26 de junho<sup>24</sup>. O Facebook e Twitter são as redes sociais mais acessadas no Brasil e foram também as mais utilizadas nas *jornadas de junho* de 2013.

---

<sup>22</sup> Centenas de milhares de pessoas vão às ruas no Brasil – convocadas principalmente pelas redes sociais – em manifestações nos mais diversos cantos do país, sem comando de partidos políticos. Os manifestantes pediam o fim da corrupção, questionavam os governos e atacavam personalidades políticas. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>23</sup> Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628\\_protestos\\_redes\\_personagens\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc)>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>24</sup> COSTA, Camilla. Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos. BBC Brasil, São Paulo, 11 de julho 2013, p.1-7. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628\\_protestos\\_redes\\_personagens\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc)>. Acesso em novembro de 2017.

O apelo dos manifestantes nas ruas era claro, majoritariamente contra corrupção, denotando um enviesamento antipartidos – sobretudo os identificados com a esquerda (SILVA, 2014). A grande mídia e os demais veículos de comunicação contribuíram para a conversão dos protestos iniciais, que contavam com poucos milhares de manifestantes, em verdadeiros movimentos de massas (Idem, 2014). As críticas e os questionamentos se dirigiam a então presidente da República, Dilma Rousseff (PT), que chegou a ser vaiada em um estádio de futebol durante a copa das confederações, mas também, principalmente, aos governadores, prefeitos, parlamentares, dos mais diversos espectros político-partidários, isto é, todo o sistema político nacional estava sujeito às críticas e questionamentos.

Silva (2014) observa que os apelos feitos pelos jovens, à participação cidadã ampliada nos processos decisórios sugerem a necessidade de aperfeiçoamento das instituições democrático-representativas, o que contempla a criação de mecanismos de participação que transcendam aos limites do voto. Neste sentido, as redes sociais revelam-se como ferramentas de ativismo político que estabelece uma prática potencialmente inovadora de abordagem da política. Ressalta-se também que a participação das redes sociais neste processo foi importante para realização e configuração da mesma, sendo as ferramentas essenciais para a divulgação de ideias e posicionamentos, para as mobilizações e questionamentos.

Para Resende, Freitas e Oliveira (2015), é inegável que os nossos modos de interação social foram transformados pelo impacto das novas formas de comunicação e novos dispositivos digitais, o que tem possibilitado mudanças na maneira de atuação dos indivíduos em determinadas questões do corpo social. Este processo de mediatização da sociedade afeta, inclusive, os modos da ação política (Idem, 2015). É o que podemos observar do ano de 2013, que foi de certa forma um divisor de águas no que diz respeito ao surgimento de novos modos da ação política. Principalmente com a emergência das redes sociais no cenário político nacional, que logo acabaram por se tornar um elemento do atual ambiente político brasileiro, e é frequentemente utilizada para discussões, mobilizações, protestos e interações, que logo adquirem grande repercussão, atingindo um público cada vez maior e contribuindo para moldar a opinião pública, juntamente com a grande mídia.

Inicialmente, as jornadas de junho de 2013 foram escrachadas pela mídia tradicional e veículos de comunicação, que tratou os manifestantes inicialmente como “vândalos”, colocando todos na mesma categoria e associando-os aos grupos de ativistas anarquistas *Black Blocs*<sup>25</sup>, que realizam protestos mais

---

<sup>25</sup> A ideologia *Black Bloc* se baseia no questionamento da “ordem vigente”. Eles se manifestam contra o capitalismo e a globalização. Suas ações promovem dano material a fachadas de empresas multinacionais e vidraças de bancos, por

agressivos, provocando danos em prédios públicos e de empresas. Mas com o aumento do número de manifestantes, a mídia hegemônica se viu obrigada a “apoiar” as manifestações.

A recepção entre os partidos políticos foi mista. Alguns partidos associados à direita logo afirmaram que os protestos se tratavam de um descontentamento do povo com o governo do PT, perspectiva essa mais tarde compartilhada pela grande mídia. O PT, cujas críticas muitas vezes eram direcionadas, mostrou-se indiferente em meio as manifestações inicialmente, mas logo apoiou as manifestações, assim como muitos outros partidos. O Partido dos Trabalhadores (PT) chegou a colocar seus próprios militantes nos protestos, o que foi criticado pelo então principal partido de oposição, PSDB, que considerou os atos como “oportunismo” e disse que o partido estaria pondo seus militantes em risco<sup>26</sup>. Durante os protestos em São Paulo, que sustentava o viés antipartido, uma bandeira do PT chegou a ser queimada<sup>27</sup> e militantes do partido intimidados e expulsos em um dos casos – é importante lembrar que em 2013, o atual prefeito da cidade era Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores. Essas ações contra as bandeiras e os militantes dos partidos de esquerda provocou a saída dos organizadores iniciais desses protestos como o MPL (Movimento Passe-Livre).

Enquanto ao perfil destes manifestantes, este, por sua vez, era diverso. A maioria eram jovens entre 20 e 36 anos de idade, com curso superior ou cursando. Geralmente tinham pouca afinidade ou interesse pela política e redes sociais. Muitos deles passaram a se interessar mais por política e questões sociais a partir do que acompanharam nos protestos de junho de 2013, outros já tinham certo interesse, mas nada que os fizessem ir às ruas em protestos e manifestações, como nos mostra os relatos de jovens que participaram dos protestos, em matéria divulgada pela BBC Brasil:

Filipe Canto, de 21 anos, Rio de Janeiro (RJ): Eu já tinha Facebook, mas só colocava coisas pessoais mesmo, falava de política poucas vezes. O primeiro protesto que eu vi aconteceu no Rio Grande do Sul, foi pequeno, na frente de um shopping. Soube por um amigo pelo Facebook e achei muito bom. Assim que aconteceu o protesto eu curti a página do (grupo) Anonymous Brasil, que era um dos organizadores. Depois que vi o que aconteceu em São Paulo comecei a avaliar. Quando (os protestos) chegaram ao Rio eu me interessei, mas não fui na primeira porque ainda estava com um pé atrás. Depois me juntei (aos manifestantes). O Facebook foi a minha principal informação sobre os protestos. Eu não acreditava muito no que a mídia falava, alguns colocavam os vândalos em primeiro lugar e os manifestantes em segundo [...] Agora, no Facebook, eu posto

---

exemplo. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/psdb-critica-oportunismo-do-pt-e-diz-que-protestos-miram-corrupcao.html>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>27</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/15/politica/1439603254\\_047841.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/15/politica/1439603254_047841.html)>. Acesso em novembro de 2017.

coisas pessoais algumas vezes, mas falo mais de política e dos protestos. Faço textos bem grandes, coloco minhas palavras a respeito do que está acontecendo<sup>28</sup>

Além deste relato, outros semelhantes concedidos pela BBC reforçam a premissa de que o perfil da juventude que participava das manifestações era diversificado. Enquanto alguns já utilizavam as redes sociais para o compartilhamento de ideias e opiniões, outros só passaram a se interessar por política nas redes sociais por influência das manifestações que tomavam conta do país naquele contexto. Mas algo comum em quase todos estes perfis é que, nenhum deles havia participado de nenhuma manifestação ou protesto em sua vida ainda, e a experiência de 2013 teria sido a primeira vez. Em relação ao que teria mudado no que diz respeito aos seus posicionamentos ou atitudes diante de tudo que presenciaram nas *jornadas de junho* de 2013, todos afirmaram que estão mais participativos com relação às questões políticas e sociais, ou passaram a falar mais de política nas redes sociais e fora delas também, ir a manifestações com mais frequência e protestar sempre que for necessário<sup>29</sup>.

Ainda sobre o perfil destes manifestantes, fazem-se necessárias outras reflexões mais profundas. Questões de ordem econômica e social poderiam estar vinculadas ao “despertar” da população para as ruas naquele contexto. A crise econômica chegava ao país com mais intensidade, e apesar do significativo crescimento correspondente há mais de uma década de governos petistas, a população brasileira já demonstrava através das manifestações o seu descontentamento e inconformismo com os rumos do governo, principalmente no que se refere a condução do seu modelo de desenvolvimento.

Podemos entender este descontentamento também como uma reação das camadas “precarizadas” da sociedade brasileira, isto é, das camadas mais exploradas e mal pagas da sociedade até então “adormecidas”, o “preariado”, como nos define Ruy Braga (2012). Braga (2012) pondera, sob a visão marxista da *superpopulação relativa*, que esta camada seria composta pela população flutuante<sup>30</sup>, latente<sup>31</sup> e estagnada<sup>32</sup> (em relação ao mercado de trabalho), que possuiria renda entre, aproximadamente, um e dois salários-mínimos. Essa fração de classe teria sua formação dentro das condições econômicas e políticas reproduzidas pelo capitalismo brasileiro com a produção do trabalho barato. Seus representantes

---

<sup>28</sup> COSTA, Camilla. Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos. BBC Brasil, São Paulo, 11 de julho 2013, p.1-7. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628\\_protestos\\_redes\\_personagens\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc)>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>29</sup> p. 2-7. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628\\_protestos\\_redes\\_personagens\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc)>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>30</sup> Isto é, ora atraídos ora repelidos pelas empresas. (CORRÊA, 2013)

<sup>31</sup> Formada por jovens e trabalhadores não industriais à espera de uma oportunidade para estabelecer-se na indústria. (Idem, 2013)

<sup>32</sup> Composta por trabalhadores que ocupam funções deterioradas e mal pagas. (Idem, 2013)

seriam trabalhadores jovens, pouco qualificados, sub-remunerados e inseridos em relações trabalhistas pouco favoráveis à organização coletiva (BRAGA, 2012).

Esta classe, pouco habituada às mobilizações, porém não acomodada com as políticas do governo, pode ter sido a maior participante ativa das manifestações de junho de 2013, que reuniu milhares de pessoas inquietas diante dos rumos do governo federal, dos governos estaduais, municipais e perante a corrupção que se alastrou por todo o sistema político brasileiro – junte-se a isso também o descontentamento com os políticos e toda a classe política. Ao contrário do que se pensava, esta camada não estava conformada e acomodada, como apontaram muitos estudiosos, mas já ameaçava mostrar-se impaciente com o conformismo dos que se deixaram transformar em instrumentos daquele atual modelo de desenvolvimento (BRAGA, 2012). As jornadas de junho de 2013 podem ser entendidas também como parte desta reação.

Braga (2012) argumenta que o fenômeno do “*lulismo*”<sup>33</sup> engendrou uma “pacificação” da classe trabalhadora e dos sindicatos que até certo momento promoveu um consentimento passivo das “massas”. Segundo ele, isto fazia parte do modelo da “hegemonia lulista”, esta, por sua vez:

combina o consentimento passivo das massas – que, seduzidas pelas políticas públicas redistributivas e pelos modestos ganhos salariais advindos do crescimento econômico, aderiram ao governo – com o consentimento ativo das lideranças sindicais – seduzidas, por sua vez, por posição no aparato estatal, fora as incontáveis vantagens materiais proporcionadas pelo controle dos fundos de pensão (BRAGA, 2012, p.37)

Este aspecto do *lulismo* configura uma das características da política de conciliação de classes adotada pelos governos petistas desde o seu início em 2003, que começou a se deteriorar a partir de 2014 e acabou desmoronando com o impeachment de Dilma Rousseff (PT). A política de conciliação, que falarei mais a seguir, teria sido a incongruência que desencadeou a derrubada de Dilma, o descontentamento das classes burguesas e subalternas, e propiciou o retorno do “neoliberalismo puro sangue” que emergiu das “criptas” para dismantelar as poucas conquistas da classe trabalhadora brasileira dos últimos anos.

Paralelamente as agitações políticas vivenciadas pelo país nas jornadas de junho de 2013, outros movimentos que buscavam protagonismo emergem como representantes das velhas pautas liberais, que estão diretamente relacionadas a defesa do livre mercado, das privatizações, do estado mínimo e de um discurso conservador, que neste momento, adquirem uma nova vestimenta. As

---

<sup>33</sup> Para André Singer, autor do livro “*Os sentidos do Lulismo*”, é um realinhamento eleitoral que implica a articulação dos segmentos mais pobres da população como a nova base social de apoio a Lula e, em parte, ao PT. Disponível em: <<https://opiniaio.estadao.com.br/noticias/geral,lulismo-um-conceito-equivoco-imp-,937560>> . Acesso em novembro de 2017.

manifestações de junho de 2013 chamaram atenção destes grupos, que ainda de modo tímido, contavam com a participação e colaboração de velhos rostos e instituições que defendiam já há bastante tempo, as doutrinas liberais no Brasil. Todavia, é neste mesmo contexto que passam a contar também com o apoio mais significativo de grupos mais jovens, alinhados ideologicamente com estas instituições, e que, de certa forma, também fazem parte da mesma conjuntura.

Durante a maior parte do século XXI, a América Latina assistiu a ascensão de partidos e personalidades políticas de esquerda e centro-esquerda, cujos governos trouxeram avanços significativos para as classes trabalhadoras – ainda que não fossem de fato grandes avanços no sentido transformador, mas paliativo – que marcaram um período de predominância de governos progressistas nos países latino-americanos.

Como no caso do Brasil, estes governos latino-americanos, ainda que ditos de “esquerda”, mantinham relações com neoliberalismo e eram, muitos deles, de caráter também conciliador, isto é, promovia a conciliação de classes como forma de viabilizar a governabilidade e apaziguar os antagonismos existentes entre as classes burguesas e trabalhadoras. Porém, este modelo de governo conciliador – que por um bom tempo foi viável, principalmente para as classes burguesas, suas principais beneficiárias – demonstra sinais de desgaste com a chegada da crise econômica, gerando o descontentamento e incitando a pressão da burguesia nacional e das instituições ligadas ao capitalismo internacional diante da necessidade de reformas liberais com o intuito de promover a volta do “crescimento econômico”. Este modelo adotado por muitos governos de “esquerda” e centro-esquerda na América Latina tornava-se então obsoleto, e não servia mais aos interesses do grande capital.

Nesta perspectiva, as redes de *think tanks*, que agiam já há um bom tempo nos países latino-americanos – porém sem grandes conquistas na implementação de políticas puramente neoliberais – entraram em cena, diante da nova conjuntura política que se formava. Em sincronia com a sua agenda neoliberal, estes *think tanks*, sempre de modo sutil, iniciaram suas ações em defesa do livre mercado, disferindo ataques aos direitos trabalhistas e as políticas de bem-estar social efetivadas nestes governos progressistas. Mas afinal, o que seriam estes *think tanks*, e que tipo de influência poderiam exercer sobre a sociedade e a política brasileira? Qual seria a relação disso com a política de conciliação de classes e o surgimento de movimentos conservadores como o MBL (Movimento Brasil Livre) na conjuntura política brasileira?

## CAPÍTULO II – AS REDES DE INFLUÊNCIA (THINK TANKS) E O MBL: O DISCURSO NEOLIBERAL EM ALTA

O site de notícias online The Intercept Brasil, publicou um artigo<sup>34</sup> em agosto de 2017 contendo uma entrevista com o argentino-americano Alejandro Chafuen<sup>35</sup>, na Latin America Liberty Forum 2017, reunião anual de ativistas libertários da América Latina. Chafuen é presidente da Atlas Network (Rede Atlas), uma grande rede que mantém mais de 400 *think tanks* ao redor do mundo, fundada por Anthony Fisher, um fiel seguidor de um dos principais teóricos do neoliberalismo, o filósofo e economista anglo-austriaco Friedrich von Hayek<sup>36</sup>. Na entrevista, Chafuen exaltou o seu trabalho que começava a “gerar frutos” em virtude das condições econômicas e políticas que suas *think tanks* esforçaram para gerar. Para ele, “este é o momento certo para entrar em cena”, tendo em vista que se abriu uma crise, e uma demanda por “mudanças”, e cabem as pessoas treinadas por eles pressionarem por “certas políticas”.

Segundo Rigolin e Hayashi (2012) os *think tanks* usam a habilidade de alcançar seus objetivos por meio da influência, ao invés da coerção. No Brasil, o Instituto Liberal e Millenium<sup>37</sup> são *think tanks* que se articulam nos Estados Unidos com o Atlas Network, realizando eventos e palestras de interesse da rede. Recentemente, além destes, foram lançadas novas iniciativas que configuram a nova direita brasileira, como duas espécies de franquias de *think tanks* sediados nos Estados Unidos: o Instituto Mises Brasil, em 2010, e o Estudantes Pela Liberdade (EPL), em 2012 (MELO, 2017). A Atlas Network é quem fica incumbida de capacitar e treinar estes ativistas neoliberais, para que atuem nos seus *think tanks*. Esta rede já chegou a receber fundos da Fundação Nacional para a Democracia (NED), uma organização sem fins lucrativos e patrocinada em grande parte pelo Departamento de Estado dos EUA e

---

<sup>34</sup> FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana. The Intercept, p.1-31, 11 de agosto de 2017. Disponível em <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>35</sup> É o atual presidente da Atlas Research Economic Foundation (Atlas Network), uma rede libertária pró-empresariado que conta com mais de 450 *think tanks* ao redor do mundo. Disponível em <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>36</sup> Foi um economista britânico nascido em Viena, Áustria, defensor da escola austríaca e um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Economia (1974) por seu trabalho sobre a teoria da moeda e flutuações econômicas, sociais e institucionais. Muitas de suas ideias foram aplicadas no conservador e liberal governo de Margaret Thatcher (1979-1990). Hayek é tido como um dos “pais do neoliberalismo” e cultuado por defensores do livre mercado e intuições liberais pelo mundo. Disponível em: <<https://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/EcFriAHa.html>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>37</sup> MELO, Demian. O MBL e sua rede. Blog Junho, p.1-7, 17 de outubro de 2017. Disponível em <<http://blogjunho.com.br/o-mbl-e-sua-rede/>>. Acesso em novembro de 2017.



a USAID<sup>38</sup>, com objetivo principal de fomentar a criação de instituições favoráveis aos EUA nos países periféricos (LEE, 2017).

Atualmente, é possível dizer que praticamente todos os *think tanks* de direita, mais importantes ao redor do globo fazem parte da rede constituída pela Atlas. A articuladora norte-americana conta hoje com mais de 400 afiliados distribuídos em mais de 80 países, 15 no Canadá, 156 nos Estados Unidos, 144 na Europa e na Ásia Central, 11 no Oriente Médio e norte da África, 19 na África, 16 no sul da Ásia, 27 no Extremo Oriente e Pacífico, 8 na Austrália e Nova Zelândia e 72 na América Latina (ROCHA, 2015 apud MELO, 2017).

Durante os últimos anos, a Atlas Network realizou uma série de doações aos seus *think tanks* conservadores e defensores do neoliberalismo pela América Latina, entre eles estão Estudantes pela Liberdade (EPL), grupo que apoiou e ajudou a criar o Movimento Brasil Livre (MBL). Na Argentina, os *think tanks* agiram também na manipulação da opinião pública em prol do neoliberalismo através da Fundação Pensar, incorporada ao partido de Mauricio Macri, um dos homens mais ricos do país que acabou sendo eleito presidente em 2015. Em Honduras, a derrubada do governo do presidente populista e defensor da reforma agrária, Manuel Zelaya, marca um período de duras reformas do país, e uma onda com tendências neoliberais cujas lideranças fazem parte da Fundação Eléutera – um *think tank* financiado pela Atlas Network, responsável também pelo treinamento através de seminários, onde também participaram membros do MBL (Brasil). Contando com dezenas de *think tanks* na América Latina, a Atlas Network esteve por trás de grupos extremamente ativos no apoio às forças de oposição na Venezuela e ao candidato de centro-direita às eleições presidenciais chilenas, Sebastián Piñera (LEE, 2017).

Melo (2017) aponta que a marca do Students for Liberty, um *think tank* fundado nos Estados Unidos em 2008, que aportou no Brasil articulando a direita estudantil, já presente em algumas universidades, está intimamente ligado à formação do Movimento Brasil Livre (MBL). Segundo a apuração do site da Agência Pública de Jornalismo Investigativo (2015)<sup>39</sup>, a rede dos Estudantes pela Liberdade (EPL) e a Atlas Network estão por trás do Movimento Brasil Livre (MBL). Esta ligação é evidenciada no depoimento do diretor da EPL:

---

<sup>38</sup> A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (sigla em inglês, USAID) é um órgão do governo dos EUA que atua como um reforço à sua política externa, cooperando com os países receptores nas áreas de economia, agricultura, saúde, política e assistência humanitária. Esta agência já foi acusada várias vezes de trabalhar junto a CIA na realização de atividades de inteligência para a desestabilização de governos não alinhados com as políticas dos EUA, sendo expulsa de países como a Bolívia, Peru, Rússia e Cuba, onde foi acusada de organizar e participar de uma operação para derrubar o governo Cubano através da fomentação de uma revolta popular com ajuda de uma falsa rede de Twitter (rede social). O objetivo era provocar uma “Primavera Cubana”. O líder da operação foi condenado à prisão em Cuba assim que descoberto em 2009. Disponível: <<https://www.stive.com.br/4405-agencia-dos-estados-unidos-para-o-desenvolvimento-internacional-united-states-agency-for-international-development.html>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em novembro de 2017.

Juliano Torres, o diretor executivo do Estudantes pela Liberdade (EPL), foi mais claro sobre a ligação entre o EPL e o Movimento Brasil Livre (MBL), uma marca criada pelo EPL para participar das manifestações de rua sem comprometer as organizações americanas que são impedidas de doar recursos para ativistas políticos pela legislação da receita americana (IRS). Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil *likes* na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguirí] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança. O Kim, inclusive, vai participar agora de um torneio de pôquer filantrópico que o Students For Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante. E também na conferência internacional em fevereiro, ele vai ser palestrante”, disse em entrevista por telefone na sexta-feira passada (AMARAL, 2015).

Como afirmado no depoimento, o *think tank* Estudantes Pela Liberdade (EPL), que funciona como um representante da franquia Students for Liberty<sup>40</sup> (SFL), demonstrou interesse nas manifestações de junho de 2013. Mas o grupo, que recebe financiamento da SFL e da Atlas Network, não poderia participar das mesmas por conta de problemas com a legislação da receita americana, resolvendo então criar uma marca fantasia, o Movimento Brasil Livre (MBL). Um dos seus principais líderes e responsáveis por sua ascensão, Kim Kataguirí, é membro da EPL, e foi treinado nos Estados Unidos pela Students For Liberty, assim como também seus outros líderes e fundadores, os irmãos Santos. O MBL foi um dos grandes responsáveis pelas mobilizações populares de 2015 – sendo as convocações para as ruas e os ataques direcionados através das redes sociais – em prol do impeachment da presidente Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), também alvo de constantes ataques e agressões deste movimento de direita.

Para Melo (2017), o protagonismo do MBL na organização e mobilização das direitas nas ruas e nas redes sociais desde 2015, alimentados por uma retórica cínica da mídia que o apresentava – assim como o Vem Pra Rua<sup>41</sup> – como “apartidário”, consolidou hoje o movimento perante o campo da direita nacional.

<sup>40</sup> A rede tem uma página oficial no Facebook: SFLB – Students For Liberty Brasil. Disponível em <<https://www.facebook.com/studentsforlibertybrasil/>>. Acesso em novembro de 2017

<sup>41</sup> Um dos movimentos políticos que estiveram nas manifestações anti-Dilma e anti-PT, pedindo o impeachment da presidente eleita. O movimento foi fundado em 2014.

Nos protestos contra a o governo Dilma Rousseff (PT), uma presidente de centro-esquerda retirada do cargo por um polêmico processo de impeachment, o MBL já demonstrava seu alinhamento ideológico em defesa do livre mercado, do liberalismo econômico e do combate à corrupção. O movimento concentrou-se em direcionar a raiva da população contra a esquerda e tudo que fosse associado à esquerda, conseguindo assim canalizar o descontentamento popular com um grande escândalo de corrupção para desestabilizar Dilma Rousseff (LEE, 2017). O MBL utilizou as redes sociais com muita eficiência e conseguiu direcionar a maior parte da revolta contra Dilma, exigindo o seu afastamento do cargo e exigindo o fim das políticas de bem-estar social implementadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) (Idem, 2017), como é caso do Bolsa-Família, por exemplo.

É importante, no entanto, que se considere uma série de fatores que tornaram propício o surgimento deste movimento, sua consolidação e o desenvolvimento de sua capacidade de mobilização, não só nas ruas, como também nas redes sociais.

O Movimento Brasil Livre se fortaleceu no âmbito das manifestações pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), utilizando inúmeras estratégias e táticas em forma de discurso para a desmoralização do PT, do governo e da esquerda. O movimento aproveitou-se das denúncias de corrupção relacionadas a políticos ou figuras ligadas ao PT e apropriou-se do discurso da mídia em relação a queda no crescimento econômico (PIB) e da “ineficácia” do governo em solucionar a crise. Em contraposição ao governo, o MBL passou a “vender” a solução no seu discurso pró-neoliberalismo.

Era então anunciado o “fim” da política de conciliação de classes que manteve o PT no poder por mais de uma década. O paradigma da conciliação não servia mais aos propósitos do grande capital, assim como também não oferecia mais condições de abrandar a inconsonância entre as classes.

Na política de conciliação de classes, segundo Rodrigues (2015), as mais diversas classes e frações de classes compartilharam importantes postos na máquina estatal, da burguesia agrária, financeira e industrial aos trabalhadores, todos estes partilhando ministérios nos governos Lula e Dilma. Mas este modelo não mais se sustentaria após as agitações suscitadas pelas *jornadas de junho de 2013*, o advento da crise econômica que vinha se desenrolando desde 2008 e a crise política que se consolidava. Os baixos índices de crescimento econômico provocaram um esgotamento de recursos, pressionando o governo a promover reformas que afetariam, principalmente, a classe trabalhadora brasileira.

Nas disputas eleitorais de 2014, a fragilidade do governo ficou mais evidente. No âmbito do executivo federal, a disputa mostrou-se polarizada, sendo a presidente eleita por uma margem não muito

grande de votos em relação ao seu adversário. No legislativo, o congresso eleito era o mais conservador desde 1964<sup>42</sup>. Mesmo após a vitória, o governo não teve descanso, sendo atacado constantemente nas manifestações e nas redes sociais. O MBL tornou-se grande opositor do governo Dilma através de sua página do Facebook, principalmente a partir de 2015. Os sinais de desgaste ficaram então mais evidentes.

Para Rodrigues (2015, p.6) o lulismo caracteriza-se por essa conciliação de classes; por esse pacto social conservador em torno de um objetivo claro: o desenvolvimento econômico do capitalismo com redução da desigualdade social. Quando este modelo começou a declinar, subiu a pressão para o governo Dilma realizar reformas que possibilitassem o retorno do “crescimento econômico”, de acordo com os anseios das classes burguesas. No entanto, o dilema do governo, que foi eleito majoritariamente pelas classes trabalhadoras e subalternas, era então decidir quem ia “pagar” pela crise, como observa o filósofo Guilherme Boulos, líder do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), em entrevista ao *Jornal Valor Econômico*:

A estratégia do PT que vigorou nesses doze anos foi de conciliação. Lula, em 2003, buscou construir um pacto no qual todos ganhavam, tanto os banqueiros quanto os trabalhadores. O que permitiu fazer uma política onde funciona o ganha-ganha? É ter crescimento econômico. Mas o crescimento começou a declinar brutalmente no último período. A política de conciliação não dá mais. Vai ter que cortar a fatia de alguém. Dilma preferiu cortar do lado de cá. Isso tem um preço. Manter a governabilidade na banca significa o risco de perdê-la nas ruas (BOULOS, 2015).

As demandas por reformas e a pressão dos empresários marcaram o início e o fim do governo Dilma Rousseff, que afirmou que não mexeria nos direitos trabalhistas “nem que vaca tussa”<sup>43</sup>, um bordão que tornou-se viral durante a campanha para reeleição da presidência da República. No entanto o governo Dilma, pouco tempo depois, anunciou mudanças que dificultariam ainda mais as regras para obtenção de benefícios como o seguro-desemprego e pensão por morte, atingindo em cheio a classe trabalhadora, sob alegação de economizar 18 bilhões<sup>44</sup>.

Para Boulos (2015) as mudanças do modelo de conciliação melhoraram a condição de vida dos mais pobres, mas sem mudar o cenário estrutural do país. Os problemas advindos destas políticas podem estar diretamente relacionados ao descontentamento da população com o governo, que resultou na grande adesão aos movimentos pró-impeachment, entre 2014, 2015 e 2016 e propiciou o

<sup>42</sup> Um levantamento da Diap (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) confirma a consolidação de parlamentares conservadores como ampla maioria na Câmara dos Deputados. Estes são militares, religiosos, ruralistas e demais segmentos. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,15725228>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/negocios/nao-mexer-em-direitos-trabalhistas-foi-promessa-de-campanha-de-dilma-14940330>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2015/02/dilma-diz-que-nao-havera-flexibilizacao-de-leis-trabalhistas-no-pais.html>>. Acesso em novembro de 2017.

ambiente para o surgimento do Movimento Brasil Livre (MBL), como um movimento para os “brasileiros” insatisfeitos com a “corrupção”, com a crise econômica, com a crise política e com o modelo do governo. Com a incorporação do discurso do “apartidarismo”, o controverso MBL apresentou-se como um movimento de “esperança”, vendendo possíveis soluções – o impeachment, o modelo neoliberal para a volta do crescimento econômico, o fim da corrupção – para atender os anseios e as demandas da população descontente.

Araldi (2017, p.5) argumenta que o ideário neoliberal serviu como um propulsor do impeachment no Brasil, uma vez que objetiva desmoralizar o Estado brasileiro e o capital nacional. Algo bem característico do MBL desde quando ganhou notoriedade com os protestos pelo impeachment.

O discurso como dispositivo de poder atua como uma espécie de recurso para o MBL atingir seus objetivos políticos, enquanto a ideologia é a estratégia utilizada pelo Movimento para a formação de consentimento com seus interagentes. A hegemonia está relacionada com esses ideários (ARALDI, 2017)

Constata-se com isso que o discurso do MBL é um discurso hegemônico, ou seja, um discurso alinhado com a imprensa hegemônica para então pressionar por certas políticas e reivindicar o impeachment. Isto acontece quando se cria consentimento entre os seus interagentes, no caso do MBL principalmente, estes sujeitos tornam-se os transmissores da mensagem, espalhando-se em rede para fomentar determinadas ideias. Foucault (1979) aponta um caminho para esse entendimento:

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre termos de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1979 apud ARALDI, 2017).

No entendimento deste autor, podemos compreender o discurso como um instrumento de dominação, luta e poder, e que também pode ser considerado como fenômeno restrito à construção social sobre o que determinado grupo social ou sociedade considera legítimo ou válido, de forma que nunca se configura como imparcial, isento ou completamente verdadeiro (ARALDI, 2017).

Neste sentido, é notório que o MBL adota um discurso de classe dominante para assim se afirmar como um ator social hegemônico, que se legitima através do apoio dos mecanismos sociais institucionalizados e das classes dominantes (Idem, 2017). Este discurso incorporado pelo movimento acaba por criar uma falsa consciência entre as classes dominadas que legitima a dominação e a sua desmobilização, como pondera Pierre Bourdieu (1989) sobre o poder simbólico:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes

dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento de distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 1989 apud ARALDI, 2017).

Neste caso, a ideologia neoliberal é o discurso dominante pelo qual o MBL esforça-se em difundir e legitimar entre a população brasileira, através da apropriação de discursos hegemônicos do ideário neoliberal em contraposição ao discurso da esquerda e do PT, reforçando a difusão do ódio contra tudo que esteja vinculado à esquerda e ao PT.

Parte desta tática de ataques tem sido “homogeneizar” a esquerda, como sendo associada apenas ao Partido dos Trabalhadores (PT), ou seja, a “esquerda” seria o PT, e quem se identificar com este espectro político (esquerda) seria automaticamente “petista”, isto é, ligado ao PT. A motivação desta tática seria principalmente a “desmoralização” da esquerda brasileira, associando-a aos casos de corrupção.

Araldi (2017, p.7) afirma que a prática discursiva do MBL é fundamentada pela repetição exaustiva das críticas em relação à esquerda e ao “petismo”, com argumentos de fácil assimilação e que objetivavam levar as pessoas aos protestos contra o governo do PT, assim como também na fomentação de ideias prontas, que limitam a reflexão dos interagentes sobre os temas abordados, como numa espécie de discurso ideológico, mas que se manifesta como anti-ideológico. Isso é bastante perceptível no movimento, principalmente em relação aos projetos e ações defendidas pelo mesmo nos últimos anos, como o Escola Sem Partido<sup>45</sup> que, segundo os seus defensores, quer pôr “fim” à “doutrinação ideológica” de “esquerda” nas escolas do país. Este suposto discurso anti-ideológico que visa a “neutralidade” de pensamento no âmbito escolar não parece oferecer nada de “neutro”, pois o discurso hegemônico e dominante é o que sempre prevalece.

Com o apoio da mídia, essa imagem de movimento “apartidário”, que visa o combate à corrupção foi vendida para a população, resultando em um crescimento significativo do movimento. Esta postura, porém, se demonstraria contraditória mais tarde com a revelação dos esquemas de financiamentos<sup>46</sup>, por parte de partidos políticos já conhecidos, aos protestos de 2014 realizados pelo MBL, e a aproximação do movimento com partidos políticos com claras intenções eleitoreiras<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> Um projeto de lei “ressuscitado” em 2016 que tem por objetivo proibir a “doutrinação política” nas escolas brasileiras, isto é, impedir certos debates de teor político em sala de aula, garantido assim um ambiente de “neutralidade”. O projeto surge em meio a acusações por parte de conservadores de que as escolas brasileiras estariam “doutrinando” os alunos para a “ideologia de esquerda” e “marxista”. O projeto polêmico do senador Magno Malta (PR-ES) foi considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

<sup>46</sup>Em áudios, é revelado um esquema de favorecimento e até repasses de dinheiro para o MBL por parte de partidos políticos para a realização de protestos em favor do impeachment de Dilma Rousseff (PT). Disponível em

Atualmente, membros do movimento ocupam vários cargos comissionados na prefeitura de Porto Alegre (RS) e de São Paulo<sup>48</sup>, cujo o prefeito é João Dória do PSDB, aliado e amigo “quase íntimo” do movimento, ele é também o favorito para as eleições presidenciais de 2018, para os membros deste grupo. Fernando Holiday, um dos principais nomes do MBL, é vereador pelo DEM (Democratas), um partido acusado de ajudar financeiramente o MBL na realização dos protestos contra o governo Dilma<sup>49</sup>. Holiday, que é um jovem negro, homossexual e conservador, propôs em seu mandato “acabar com vitimismo” e os “privilégios” dos “negros” que segundo ele seriam principalmente as cotas raciais e até o dia da “consciência negra”<sup>50</sup>. Também defendeu o fim das secretarias relacionadas aos Direitos Humanos e população LGBT<sup>51</sup>, mesmo sendo ele um homossexual, repudia completamente a luta dos LGBTs pela inclusão social e o combate à homofobia. O vereador já foi acusado de fazer caixa dois pelo seu próprio advogado de campanha, que relatou ameaças de morte e intimidações por parte de pessoas ligadas ao MBL<sup>52</sup>.

Em sua página no Facebook, o movimento, no entanto, não parece demonstrar muito preocupação com as polêmicas, as acusações e escândalos, preferindo dizer que é “vítima de perseguição” dos “esquerdistas” e que as acusações são “fakenews” (notícias falsas), proferindo ataques e ameaças aos seus acusadores. Não obstante, o movimento prefere continuar com a defesa de suas pautas neoliberais, que ainda hoje o impulsionam, e mantém-se “fiel” aos seus patrões e ídolos privatistas nacionais e internacionais.

O discurso pró-mercado e pró-libertarianismo do Movimento Brasil Livre (MBL) revela muito da sua ligação e relação com a política externa dos EUA. Nas redes sociais, além das velhas pautas conservadoras e moralistas e os inúmeros ataques à esquerda e às personalidades com opiniões associadas a esquerda e figuras políticas progressistas, o movimento dedica-se em vender uma boa imagem do neoliberalismo aos seus mais de 2 milhões de seguidores atualmente. O

---

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.html>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>47</sup> Conversas em grupo de Whatsapp do MBL expõe interesses do movimento nas eleições de 2018. Disponível em <<http://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>48</sup> Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/27/mbl-tira-a-mascara-e-entra-firme-na-politica-partidaria/>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>49</sup> Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/vereador-quer-fim-de-cotas-raciais-e-o-dia-da-consciencia-negra/>>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/11/fernando-holiday-excrescencias-direita-brasileira.html>>. Acesso em dezembro de 2017.

<sup>52</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com.br/brasil/2017/11/02/politica/1509641213\\_532842.amp.html](https://brasil.elpais.com.br/brasil/2017/11/02/politica/1509641213_532842.amp.html)>. acesso em dezembro de 2017.

*ciberativismo*<sup>53</sup> do MBL no Facebook e demais redes sociais, tem se preocupado em defender pautas liberais como das privatizações, com a utilização do discurso da corrupção, impulsionado pelos desdobramentos da “Operação Lava-jato”, que atingiu nomes e políticos ligados às empresas estatais. Para o movimento, estas empresas estatais estariam “dominadas” pela corrupção e a única solução plausível é a urgência das privatizações.

Outra pauta liberal defendida pelo grupo é a reforma trabalhista e da previdência, que propõe mudanças e a flexibilização da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) e alterações da previdência social, respectivamente. O atual governo, envolvido em centenas de casos e denúncias de corrupção, tem realizado tais reformas de interesse do grupo e pouco tem sido atacado pelos mesmos nas redes sociais, apesar de tudo.

Tal postura sugere que os verdadeiros interesses deste movimento de direita não seria, de fato, o combate à corrupção, que tanto se referiam nos protestos contra o governo Dilma, mas a instauração de um governo que atendesse as demandas neoliberais tão almeçadas pelos integrantes do movimento e seus “parceiros” fora do país.

Esta ofensiva do MBL contra a estatização, em prol da flexibilização do Estado, ou seja, de “menos Estado”, e ao capital nacional, é a tendência de um discurso globalizante de interesse do mercado capitalista mundial, que se apresenta como solução para crises de ordem econômica e recai sobre os países periféricos através de meios de influência.

O discurso que ouvimos todos os dias, para nos fazer crer que deve haver menos Estado, vale-se dessa mencionada porosidade, mas sua base essencial é o fato de que os condutores da globalização necessitam de um Estado flexível a seus interesses. As privatizações são a mostra de que o capital se tornou devorante, guloso ao extremo, exigindo sempre mais, querendo tudo. Além disso, a instalação desses capitais globalizados supõe que o território se adapte às suas necessidades de fluidez, investindo pesadamente para alterar a geografia das regiões escolhidas. De tal forma, o Estado acaba por ter menos recursos para tudo o que é social, sobretudo no caso das privatizações caricatas, como no modelo brasileiro, que financia as empresas estrangeiras candidatas à compra do capital social nacional. Não é que o Estado se ausente ou se torne menor. Ele apenas se omite quanto ao interesse das populações e se torna mais forte, mais ágil, mais presente, ao serviço da economia dominante (SANTOS, 2002)

Este sistema de “perversidade”<sup>54</sup> que favorece a economia dominante contribui para a “morte da política”, sendo que a mesma submete-se a partir de então as grandes empresas, ao discurso hegemônico do mercado, que prevalece também pelos meios de comunicação e mídia – soma-se a isso também as

---

<sup>53</sup> O ciberativismo é a uma forma de ativismo através da internet, utilizado principalmente por grupos politicamente ativos, com a intenção de divulgar e abrir espaços para determinadas causas e possíveis discussões sobre os assuntos (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015).

<sup>54</sup> Termo usado por Milton Santos para se referir ao fenômeno da globalização (SANTOS, 2002).



redes sociais – e sustentam uma rede de alienação. Com isso, fomenta-se o “autoritarismo” das empresas, que privilegia uma parcela pequena da sociedade e onde a ideologia dominante é prevalecente.

O Movimento Brasil Livre (MBL), que tem se consolidado como defensor de pautas liberais e de direita no país, apresentou-se de início como um movimento que defendia a “imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação dos poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos das ditaduras”<sup>55</sup>, mas recentemente tem adotado uma postura conservadora e moralista que se difere bastante do seu discurso inicial. Não foram poucos os ataques<sup>56</sup> do movimento através das redes sociais aos museus de artes considerados por eles como “imorais” e “inadequados”.

Através das redes sociais, o movimento realizou grandes campanhas e mobilizou seus seguidores a promover protestos, intimidações e boicotes aos museus, instituições e até personalidades públicas, jornalistas e intelectuais ditos de “esquerda”. Em uma de suas ofensivas, o MBL conseguiu a suspensão da exposição do Queermuseum<sup>57</sup>, que discutiria o universo LGBT em Porto Alegre. Segundo um de seus líderes, Kim Kataguirí, – que já chegou a enviar uma foto<sup>58</sup> de um “pênis ereto” como resposta a um site jornalístico – o movimento promoveu o boicote a exposição porque a mesma fazia apologia à “pedofilia, zoofilia” e continha “ofensas a fé cristã” e também a “imagem de Jesus Cristo”. O grupo também promoveu uma série de ataques ao Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, depois da divulgação de um vídeo em que uma menina aparece interagindo com um homem nu, em uma performance de nudez artística autorizada pela própria mãe. Kim novamente disparou em um vídeo viralizante no Facebook “é um crime, contra as crianças, contra a sociedade, contra nossos valores”.

Melo (2017) acentua que a união do conservadorismo de costumes do MBL com o seu posicionamento ideológico autoritário liberal não é novidade nenhuma no Brasil, pois onde escravidão, ditaduras e livre-mercado já caminharam lado a lado não deveríamos estranhar o casamento entre liberalismo e conservadorismo nos costumes. A aliança entre o discurso hegemônico e o conservadorismo no MBL também tem seus motivos estratégicos, por assim dizer.

Segundo Araldi (2017), o MBL é um movimento em defesa de posições hegemônicas, e sua disputa se dá essencialmente pela construção de consenso e pela busca de espaço no campo

<sup>55</sup> Manifesto do Movimento Brasil Livre. Disponível em: <<http://mbl.org.br/manifesto/>>. Acesso em novembro de 2017

<sup>56</sup> O Movimento Brasil Livre (MBL) tem direcionado ataques aos museus de arte no país em uma ofensiva radical e conservadora. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691\\_598049.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html)>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>57</sup> Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691\\_598049.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html)>. Acesso em novembro de 2017.

<sup>58</sup> Disponível em <<https://theintercept.com/2017/10/06/guerrilha-do-mbl-mira-arte-e-sexo-espalha-o-caos-e-quer-vender-a-solucao/>>. Acesso em novembro de 2017

hegemônico para as elites políticas tradicionais. Em virtude disso, entende-se que o MBL busca se apropriar de um discurso conservador – o discurso dominante e hegemônico – já presente na sociedade, para então ganhar o consenso no campo cultural e político-ideológico. Este discurso hegemônico pode ser entendido também por *“algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer”* (GRUPPI, 1978, apud ARALDI, 2017).

Nesta perspectiva, o MBL tem conseguido muitas “vitórias” através do seu agressivo ciberativismo nas redes sociais, uma vez que o movimento tem atingido seus objetivos ideológicos e políticos, graças à mobilização e interação com seu público. Esta força obtida nas redes sociais tem colocado o MBL como um dos movimentos de direita mais bem sucedidos da América Latina, uma vez que o ciberativismo tem sido um dos meios mais eficazes para a obtenção dos objetivos delineados, em todos os âmbitos da sociedade. Com o poder de alcance cada vez maior, ele potencializa a força dos movimentos de massa, existentes também na web (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015).

Este sucesso se dá principalmente pelo uso estratégico das redes sociais por parte do movimento. Geralmente os posicionamentos do MBL, que muitas vezes vem em forma de ataque direcionado, são feitos através de vídeos e/ou imagens virais, que percorrem os quatro cantos da internet, e são repassados por páginas de direita e extrema-direita que concentram um grande público, tendo grande repercussão em todo o território nacional, atingindo centenas de milhares de pessoas.

Em relação a defesa da bandeira do conservadorismo por parte do MBL ao decorrer do ano de 2017, duas possíveis explicações podem ser consideradas, em observação às mudanças no seu posicionamento no que se refere ao combate a corrupção e sua tentativa de se passar por “defensor da moral”.

A primeira está relacionada ao agrado aos seus interagentes, que são, em sua maioria, conservadores, racistas, homofóbicos, xenófobos, machistas e contra o discurso do “politicamente correto”<sup>59</sup>. O uso deste título, “politicamente correto”, como forma pejorativa de se referir ao preconceito, à discriminação racial e a homofobia é mais uma das interpretações distorcidas e ideias

---

<sup>59</sup> O termo refere-se a neutralização de uma linguagem ou discurso, evitando o uso de narrativas estereotipadas ou que possam fazer referências as diversas formas de discriminação existentes, como racismo, o sexismo, a homofobia e etc. Este termo, no entanto, acabou distorcido pelo MBL como sendo algo associado ao “vitimismo” e a tentativa de grupos e minorias de conseguir “privilégios” na sociedade. Para eles, o discurso do “politicamente correto” visa “destruir” os “valores da família” e vitimizar homossexuais, mulheres e negros.

fabricadas no discurso do Movimento Brasil Livre (MBL). Nesta interpretação desvirtuada do movimento, o “politicamente correto” refere-se a “inversão” de valores da sociedade, isto é, a “tentativa” da “esquerda” de “impor” discursos como o da “ideologia de gênero” – que segundo eles, quer “destruir” a família tradicional, composta pelo “homem” e a “mulher”, através da “imposição” da homossexualidade às crianças. Discurso esse que provém de uma visão distorcida sobre a necessidade da discussão sobre as questões de gênero nas escolas brasileiras. Este posicionamento contra o “politicamente correto” é uma tentativa do movimento, por assim dizer, de silenciar as lutas contra o racismo, a homofobia e a desigualdade de gênero, que para eles não passam de “vitimismo”.

O mesmo pode ser dito em relação aos Direitos Humanos, alvo de intensos ataques do movimento. Segundo eles, os Direitos Humanos só servem para “defender” a “bandagem” e para “criminalizar” a “polícia”. O MBL já demonstrou ser a favor da tortura e morte de criminosos como “solução” para a criminalidade, o que explica o seu posicionamento contrário aos Direitos Humanos incorporado na interpretação distorcida sobre o “politicamente correto”.

Apropriando-se deste discurso, o MBL ganha certo prestígio nas classes mais conservadoras, que o apoiam no combate à “imoralidade” e a “degeneração social” que a “esquerda” estaria causando a sociedade brasileira. Seus interagentes servem como instrumento para o movimento atingir seus objetivos políticos-ideológicos, neste caso, na mobilização, nos ataques e intimidações de teor conservador contra instituições e/ou figuras ou personalidades que não se encaixam no perfil conservador e “puritano” que o movimento tem defendido ultimamente.

A ascensão destas ideias pode estar relacionada ao crescimento do déficit educacional no país que, apesar de avanços, ainda não tem atingido as metas de educação. Uma pesquisa<sup>60</sup> revelou que apenas 8% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são capazes de se expressar e compreender plenamente, a taxa de analfabetismo funcional chega a 27% nesta faixa etária. A pesquisa revelou também a grande dificuldade dos brasileiros na elaboração de textos de diferentes tipos, como mensagens, descrições ou argumentação, além da capacidade de opinar sobre posicionamento. O desinteresse por uma formação política mais profunda e o afastamento e “acomodação” por parte dos movimentos sociais de trabalhadores no Brasil, podem estar ligadas também ao crescimento da aceitação destas ideias, principalmente pela falta de combate que estes movimentos deveriam realizar no âmbito da política nacional contra estas ideias e falácias.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/so-8-dos-brasileiros-sabem-se-expressar-plenamente-diz-pesquisa-18773598>>. Acesso em dezembro de 2017.

Outra explicação seria o uso estratégico deste discurso moralizante e conservador, dos ataques à esquerda, aos museus de artes e performances artísticas. O atual presidente da república Michel Temer, do PMDB, que já foi denunciado mais de uma vez por corrupção, citado diversas vezes em delações na Lava-jato, e tem comprado votos constantemente para se livrar de denúncias, não é o alvo dos ataques do MBL em sua página do Facebook. Muito pelo contrário, o MBL tem divulgado uma vez ou outra o suposto sucesso das atuais reformas do governo no campo da economia nacional. Em sua página do Facebook, o movimento tem apontado uma “melhoria” na economia brasileira como resultado da implementação das políticas econômicas por parte do atual governo e tem pressionado pela aprovação da reforma da previdência e privatização de empresas estatais. Ou seja, enquanto o governo enfrenta uma série de denúncias de corrupção, o MBL tenta desviar o foco das notícias, preferindo despejar ataques à museus de artes, a personalidades de esquerda, ou ressaltar a “melhoria” da economia brasileira ao invés de divulgar as denúncias contra o presidente, e se posicionar verdadeiramente contra a corrupção.

Com tudo isso podemos entender que o MBL, seguindo a perspectiva de Araldi (2017), é um movimento conservador, antidemocrático, de caráter neoliberal e que atua no campo hegemônico pela defesa de políticas que beneficiam o mercado – privatizações, reformas e flexibilização ou retirada de direitos trabalhistas – e criminalizam o direito de manifestação e as minorias. A preocupação deste movimento nunca teria sido o fim da corrupção, a “moralidade” da população brasileira ou mesmo “crianças”, o combate a desigualdade – naturalizada na doutrina neoliberal –, justiça e a “liberdade” que tanto falam. Afinal, este é o mesmo movimento que esteve ao lado de Eduardo Cunha (Figura 1), ex-presidente da Câmara preso por corrupção, na campanha “#SomosMilhoesDeCunhas” e “#SomosTodosCunha” pelo impeachment de Dilma Rousseff e pelo “fim da corrupção” (do PT, aparentemente). O mesmo movimento que apagou metade do seu conteúdo no Facebook referente aos anos de 2014 e 2015, tentando com isso destruir evidências de suas alianças com Eduardo Cunha<sup>61</sup>, Aécio Neves e outros nomes da política nacional, mas, na internet, destruir rastros e evidências parece não ser tão fácil quanto imaginaram.

---

<sup>61</sup> Na foto aparecem Eduardo Cunha, preso por corrupção, Jair Bolsonaro, Rodrigo Maia, que enfrenta também diversas acusações de corrupção, Kim Kataguiri, um dos líderes do MBL, ao lado de outros políticos também acusados e até presos por corrupção. Estes pediam “o fim da corrupção” e o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT). A foto está disponível no Twitter com a legenda “não deixem essa foto cair no esquecimento”. Disponível em: <<https://mobile.twitter.com/flogase/status/775494810094317568>>. Acesso em dezembro de 2017.



Figura 1 - Kim Kataguiri, um dos líderes MBL, pede o "fim da corrupção" ao lado de Eduardo Cunha (PMDB), ex-presidente da câmara preso por corrupção em 2016.

Não resta dúvida de que esta é verdadeira faceta do movimento, que antes se dizia contra a corrupção e a favor das liberdades, “apartidário”, mas que agora demonstra seu verdadeiro comprometimento com a implementação do neoliberalismo de uma forma ou de outra, seja no campo ideológico ou político, seja na prática da economia, este é o verdadeiro interesse do MBL, desde sua criação. Agora com interesses nas eleições<sup>62</sup>, o movimento traça seus planos para o cenário político de 2018, aliado aos velhos partidos, mas com propósitos congêneres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que as redes sociais hoje se constituem como uma nova forma de ação da política, inseridas no âmbito do sistema “globalizado”, e que provocam grandes impactos e mudanças na sociedade mundial. O fenômeno das redes sociais é hoje um paradigma que merece atenção dos pesquisadores, pois já fazem parte do mundo contemporâneo – atingindo mais de dois bilhões de usuários – e influenciam as relações humanas.

As redes sociais, como pudemos observar, concebem o ambiente propício para a interpenetração de ideias e discursos. O discurso hegemônico do mercado – que visa modificar as sociedades conforme os seus anseios pelo lucro – encontra nas redes sociais e na internet condições para disseminação de ideias, que são, principalmente, incorporadas na mídia hegemônica, presente hoje também nas redes sociais. Observa-se que, no entanto, este discurso – neoliberal – se fortalece quando as condições sociais

<sup>62</sup> O MBL revela suas intenções nas eleições de 2018. Disponível em <<http://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>>. Acesso em novembro de 2017.

e econômicas também são propícias. Os *think tanks* – frutos deste sistema – então entram em cena para convencer as classes populares de que “solução” para os problemas é o “desmonte” de seus direitos e conquistas, e que o “neoliberalismo” é verdadeira solução para o desenvolvimento.

O Movimento Brasil Livre (MBL) é um desses movimentos concebidos pelo discurso globalizante, discurso esse alinhado ao mercado global e capitalista, que traz consigo o “autoritarismo das empresas”, camuflado de “liberdade” e “democracia” para os povos. Mas esta democracia seria a “democracia do mercado”, da concorrência desenfreada, que atropela os direitos sociais e destrói a solidariedade entre os indivíduos, como bem observou Milton Santos (2002).

Os frutos desta ofensiva neoliberal já começam a ser colhidos no Brasil e na América Latina. Basta olhar para Honduras após o impeachment de Manuel Zelaya, deposto por um “golpe” das elites do país, para a Venezuela, que vive uma grande crise humanitária provocada pela articulação entre a direita neoliberal e a oposição. Olhemos para Argentina, que vive uma grande onda neoliberal, esta trouxe de volta os altos índices de desemprego e o descontrole da inflação, trazendo também o aumento da pobreza. E por fim, o Brasil, o país do MBL, com um presidente ilegítimo, afundado em denúncias de corrupção, mas que ainda assim, não deixa de insistir nas reformas que desmontam os direitos trabalhistas.

Estes acontecimentos necessitam urgentemente de análises críticas e reflexivas, e os campos de estudos das Ciências Sociais não podem negligenciá-los. Ainda que hajam dificuldades no trabalho com as fontes digitais e a História do Tempo Presente, como as que pude constatar com o desaparecimento de conteúdos que seriam utilizados como fontes e que foram apagados da internet, com a carência de trabalhos sobre este tema e os problemas com a disponibilização de certos conteúdos relevantes para a pesquisa. Todas essas dificuldades encontradas tornaram a pesquisa ainda mais desafiadora e instigante.

Com este trabalho, espero contribuir de alguma forma no campo historiográfico para a compreensão do cenário político atual brasileiro, para pesquisas futuras relacionadas a esta temática que, com certeza haverão, considerando-se a necessidade de entendimento e interpretação da história política do país na atualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. C. **O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas**. In: Aedos, n. 8, v. 3, jan./jun. 2011.

AMARAL, Marina. **A nova roupa da direita**. *Pública*, 23 de julho de 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em novembro de 2017.

ARALDI, Lucas. **O antipetismo do MBL – um breve resumo**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Intercom, Caxias do Sul – RS, 2017.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012, 263p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.37, 2013, p.195-197.

BOULOS, Guilherme. Entrevista, *Jornal Valor Econômico*. Disponível em: <<https://mobile.valor.com.br/politica/3992424/o-lulismo-nao-funciona-mais-diz-boulos>>. Acesso em dezembro de 2017.

CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.39-50.

COSTA, Camilla. **Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos**. São Paulo, 11 de julho 2013, p.1-7. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628\\_protestos\\_redes\\_personagens\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc)>

FANG, Lee. **Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana**. The Intercept, p.1-31, 11 de agosto de 2017. Disponível em <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em novembro de 2017.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.39-50.

MELO, Demian. **O MBL e sua rede**. Blog Junho, p.1-7, 17 de outubro de 2017. Disponível em <<http://blogjunho.com.br/o-mbl-e-sua-rede/>>. Acesso em novembro de 2017.

MORAES, Dênis de. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.
- RESENDE, T. P.; FREITAS, Y. M. F.; OLIVEIRA, P.P. **Ciberativismo nas Redes Sociais: Compartilhando Mudanças**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Intercom, Campo Grande - MS, 2015.
- RIGOLIN, C. C. D.; HAYASHI, Maria Cristina P. Innocentini. **Por dentro dos “reservatórios de ideias”:** uma pesquisa para os *think tanks* brasileiros. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 20-30, março, 2012.
- RODRIGUES, T. C. M. **Estado e classes sociais no Brasil: um estudo sobre os governos Lula e Dilma**. Marx e o Marxismo – Revista do NIEP Marx, Niterói – RJ, 2015.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento única à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA, C. R. M.; TESSAROLO, F. M. **Influenciadores Digitais e as Redes Sociais enquanto Plataformas de Mídia**. XXXIX Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação – Intercom – São Paulo, SP, 2016.
- SILVA, E. F. **E.P. Thompson e as contribuições para a História Social e os estudos sobre escravidão**. XIII Encontro Estadual de História – ANPUH – Guarabira, PB, 2008.
- SILVA; R. B. **Mídias sociais e política: os partidos no Facebook**. ALCEU - v. 14 - n.28 - p. 202 a 223 - jan./jun. 2014